

**Raul Rego**

1913 – 2002

JORNALISTA



Lisboa – Maio – 2005

Câmara Municipal de Lisboa  
Comissão Municipal de Toponímia



# Raul Rego

JORNALISTA

1913 – 2002

Raul Rego, republicano e democrata, combatente antifascista, frontal em todas as posições assumidas sem rodeios, ao longo de uma vida feita de batalhas e de coragem, foi jornalista e indiscutivelmente um dos símbolos da liberdade de imprensa, e por isso a Câmara Municipal de Lisboa presta-lhe a sua homenagem ao atribuir o seu nome a uma rua no dia 3 de Maio, Dia Mundial da Liberdade de Imprensa.

A Vereadora,



Ana Sofia Bettencourt





Raul d'Assunção Pimenta Rego, republicano e democrata, homem de fortes convicções, frontal em todas as posições, assumidas sem rodeios, ao longo de uma vida feita de batalhas e de coragem, nasceu em Morais, uma aldeia perto de Macedo de Cavaleiros, no dia 15 de Abril de 1913. Era proveniente de uma família com fracos recursos, o seu pai era sapateiro e a mãe costureira.

Em 1924, quando tinha 11 anos entrou no Seminário das Missões do Espírito Santo, em Viana do Castelo para estudar. No seminário, o professor que mais o marcou foi o Padre Alves Correia.

Concluiu o curso de Teologia em 1936, mas não chegou a ordenar-se padre, abandonando a vida eclesiástica. Uma discussão com o Padre Clemente, seu director que lhe disse que não tinha mentalidade eclesiástica levou a que não quisesse se ordenar, tornando-se, posteriormente, anticlerical. Quando saiu do seminário ainda continuou a frequentar a missa, mas depois, por considerar que a Igreja foi o apoio ao totalitarismo e ao poder instituído, deixou de o fazer.

Veio para Lisboa para continuar os estudos e aqui começou a dar explicações de Latim e Francês. Por indicação do Padre Alves Correia que pediu ao Dr. João Soares, pai de Mário Soares e director do Colégio Moderno foi professor neste Colégio, de Latim e Administração Pública. Aqui fundou um jornal com os alunos que se chamava "Gente Moça". Neste jornal saiu um artigo que foi considerado uma ofensa à religião e por isso acabaria por ser afastado do colégio em 1939, por pressão do Ministro da Educação de Salazar, Carneiro Pacheco.

Viu-se, então, obrigado a voltar às explicações de Latim e a enveredar pela carreira jornalística.

Em 1937 tinha entrado para a revista "Seara Nova" dirigida por Câmara Reys, mas Raul Rego considerava esta revista com pouco interesse porque era feita pela Censura e era impedida de exprimir as suas opiniões. Entrou então, para a agência noticiosa Reuters, graças a Dinis Bordalo Pinheiro, filho de Rafael, o caricaturista. Aqui tinha as funções de traduzir do inglês telegráfico para o português corrente.



Apresentação da Lista de Deputados da oposição às eleições de 1961

Em 1942, a pedido novamente do Padre Alves Correia entrou como redactor para o *Jornal do Comércio*. Neste jornal foi redactor em todos os serviços, fazendo tudo o que lhe mandavam, embora o que mais gostasse de fazer era a reportagem política, apesar da censura e de saber que grande parte era cortado.

Devido à sua militância no MUD- Movimento para a Unidade Democrática,<sup>(1)</sup> foi preso pela polícia política em 1945. Dirigiu, também, os serviços de imprensa da campanha do general Norton de Matos, assumindo a mesma tarefa na candidatura de Humberto Delgado.

Ao mesmo tempo que estava no *Jornal de Comércio* trabalhou igualmente para o *Diário de Lisboa*, onde entrou em 1959, porque um era de manhã e o outro de tarde. Para este jornal entrou a convite de Norberto Lopes, o director, que segundo Raul Rego era um homem de grande cultura, da oposição, que nunca cortou nenhuma notícia, mesmo sabendo que esta posteriormente seria cortada pela censura.

<sup>(1)</sup> O MUD foi constituído a 8 de Outubro de 1945, por diversas figuras, tais como, Barbosa Magalhães, Pedro Pinta, Bento de Jesus Caraça, Mário de Lima Alves, Manuel Mendes, Adão e Silva, que fizeram parte depois, da comissão central. Foram aprovadas as condições mínimas dos oposicionistas para concorrer às eleições convocadas pelo Governo. Pretendeu-se novo recenseamento eleitoral fiscalizado pela oposição, bem como fiscalização do acto eleitoral, liberdade de constituição de partidos e de novos jornais, liberdade de expressão e de reunião. Reclamou-se também a amnistia para os presos políticos e a extinção do Campo do Tarrafal. O MUD transformou-se num movimento de oposição de carácter nacional.

Diário de Lisboa  
10-5-969 J. G.  
N.º 16 602

ENTRADAS EM 5-5-969

REPUBLICA DE BEIRIM  
CORTADO

... a situação de Portugal não é a mesma que a de Espanha, e a situação de Portugal não é a mesma que a de Espanha...

... a situação de Portugal não é a mesma que a de Espanha, e a situação de Portugal não é a mesma que a de Espanha...

... a situação de Portugal não é a mesma que a de Espanha, e a situação de Portugal não é a mesma que a de Espanha...

... a situação de Portugal não é a mesma que a de Espanha, e a situação de Portugal não é a mesma que a de Espanha...

... a situação de Portugal não é a mesma que a de Espanha, e a situação de Portugal não é a mesma que a de Espanha...

... a situação de Portugal não é a mesma que a de Espanha, e a situação de Portugal não é a mesma que a de Espanha...

... a situação de Portugal não é a mesma que a de Espanha, e a situação de Portugal não é a mesma que a de Espanha...

... a situação de Portugal não é a mesma que a de Espanha, e a situação de Portugal não é a mesma que a de Espanha...

RAUL REGO

Artigo de Raul Rego no Jornal Diário de Lisboa cortado pela Censura



Na sede da CEUD, durante a campanha eleitoral de 1969. Da esquerda para a direita: Rui Belo, Francisco Sousa Tavares, José Magalhães Godinho, Raul Rego e Mário Soares.

6

Foi novamente preso quando publicou, em conjunto com outros antifascistas, o Programa para a Democratização da República, em 1961. O próprio Raul Rego conta os pormenores da sua prisão: "tinham sido presos seis ou sete subscritores e eu já contava ser preso. Até que um dia, de manhã, bateram à porta de casa. A minha mulher disse-me: "Está ali a polícia." "Pois é", respondi, "tinha de ser..." Quem me interrogou foi um sujeito que era de Bragança – esqueço-me o nome – e que me esbofetou! O meu advogado foi sempre o Costa Neves. Soube mais tarde que, no quarto ao lado do meu, no Aljube, estava o angolano Agostinho Neto.<sup>(2)</sup>

Quando foi ao enterro do General Humberto Delgado, em 1965 foi outra vez preso, na fronteira com Badajoz, quando apresentaram o passaporte. Ficou preso juntamente com Mário Soares, Abranches Ferrão e Catanho de Menezes, durante duas ou três semanas, na prisão de Caxias.

<sup>(2)</sup> Castanheira, José Pedro "Entrevista a Raul Rego" In *Expresso*, 9 de Fevereiro de 2002.





Secção de propaganda da CDE, nas eleições de 1973, no Teatro Laura Alves. Da esquerda para a direita: Francisco Salgado Zenha, Raul Rego, Alberto Arons de Carvalho, José Tengarrinha, Vasco da Gama Fernandes, Helena Neves, António Abreu, Pedro Coelho, Mário Sottomayor Cardia e Cassiano Pereira

Foi mais uma vez preso quando escreveu a obra: "Para um Diálogo com o Sr. Cardeal Patriarca", em que se revoltava contra o silêncio cúmplice do cardeal Cerejeira perante as indignidades do regime ditatorial. O livro foi apreendido e Raul Rego foi preso pela PIDE, a qual voltou a submetê-lo a interrogatórios devido à publicação, em 1971, do livro "O Processo de Damião de Góis", em que denunciava as atrocidades da Inquisição estabelecendo assim uma relação com os procedimentos inquisitoriais da polícia política.

Em 1971 entrou para a direcção do jornal "República", a convite do próprio director Carvalhão Duarte, deixando pouco depois de trabalhar no *Diário de Lisboa*, pelo facto dos dois jornais serem concorrentes. Por seu impulso o jornal disparou as suas tiragens, passando dos dois a três mil exemplares para os dez a quinze mil exemplares. Este salto deve-se, no seu entender, a "dar notícias, não fazer censura antes do censor. O "República" praticamente não dava notícias: tudo o que fosse susceptível de ser cortado não dava. Era uma teoria. Ora não se compra um jornal apenas pelas ideias que ele tem ou defende; um jornal compra-se sobretudo pelas notícias que dá."<sup>(3)</sup>



«Para um Diálogo com o Sr. Cardeal Patriarca» escrito por Raul Rego em 1968

<sup>(3)</sup> Idem



No II Congresso Republicano de Aveiro, Maio de 1969

O problema da censura era real não só pelo facto de cortar as notícias mas sobretudo pelo facto de existir e desta forma constituir pressão no redactor, que acaba por interiorizar a censura e já quando escreve está com receio de a notícia passar ou não.

Outra razão apresentada por Raul Rego para o impulso que o jornal teve foi a admissão de novos jornalistas que com ele vieram do *Diário de Lisboa*, nomeadamente Vítor Direito. Depois entraram ainda João Gomes, Afonso Praça e Assis Pacheco.

Neste jornal escrevia uma coluna que se chamava "momento", que começou por ser um comentário à hora que passa e que passou a ser o editorial. Esta coluna era uma das mais lidas e que mais influenciou os homens que depois fizeram o 25 de Abril.

No dia 19 de Abril de 1973, na cidade alemã de Bad Munstereifel, militantes da Acção Socialista Portuguesa, reunidos em Congresso, aprovam, a transformação da ASP em Partido Socialista. Raul Rego foi um dos fundadores do Partido.



No jornal *República* com um grupo de jornalistas estrangeiros

Raul Rego soube da revolução do 25 de Abril na véspera do acontecimento, por um dos militares comprometidos com a revolução, que trouxe a democracia tão desejada e sonhada por tantos homens e mulheres.

Ao alvorecer do dia 25 de Abril de 1974, cerca das 9h30, com o movimento revolucionário em marcha e ainda sem se saber o resultado das operações militares, Raul Rego enviou para a tipografia a frase que seria publicada em rodapé a toda a largura da primeira edição, que às 11h30 sairia para a rua: "Este jornal não foi visado por qualquer comissão de censura". O assumir desta responsabilidade numa fase de incerteza significou uma posição de coragem da parte de Raul Rego.

Em Maio de 1975 gerou-se um conflito no interior do Jornal "República" que provocou a saída de Raul Rego e da maioria dos jornalistas da direcção do jornal. Foi o chamado "Caso República" que teve o seu início a 2 de Maio de 1975, quando no seguimento de uma tentativa de admissão, por parte da administração do Jornal "República", de mais dois redactores conotados com o Partido Socialista, considerada "inoportuna" pelos gráficos e restantes elementos contrários à hegemonia socialista no jornal, foi convocada uma Reunião Geral de Trabalhadores que impossibilitou a saída do jornal do dia seguinte e culminou com a criação de uma Comissão Coordenadora dos Trabalhadores. A 19 de Maio de 1975 esta comissão decide "suspender do exercício das suas funções" a Administração e a chefia de Redacção acusando-as de estarem a tentar transformar o jornal num órgão afecto ao Partido Socialista: "Os trabalhadores da "República" – cada um sem dúvida, com as suas formações ideológicas – querem e assim decidiram estar acima de lutas partidárias, servindo respeitosamente a Informação. (...)

Cada parafuso da nossa rotativa é uma afirmação popular, quantas vezes anónima, de uma permanente luta

Figueira da Foz, 1977 com alguns dos fundadores do PS. Da esquerda para a direita: Costa e Melo, Teófilo Carvalho dos Santos, Raul Rego, Mário Cal Brandão, José Luis Nunes e Fernando Vale.





Raul Rego e Gustavo Soromenho num cartoon realizado por Pedro e retirado do jornal *A Luta*

antifascista. (...) Elegemos uma Comissão de Trabalhadores e essa comissão afirmou, no dia 5 de Maio, que a totalidade dos seus redactores deveria colocar acima de todos os interesses a informação, em benefício dos leitores da "República". A comissão diz hoje não à direcção literária do jornal – são ele-

mentos marcadamente antifascistas mas também marcadamente partidários. Devemos-lhes uma palavra de respeito, mas propomos que se retirem, para continuarem a merecer essa palavra. Os trabalhadores da "República", representados pela sua comissão, não desejam que a administração pare a sua actividade; não desejam a autogestão; não desejam a cogestão. Não têm sequer críticas a efectivar àquela administração. Os trabalhadores da "República", representados pela sua comissão, desejam muito mais que "sanear": desejam continuar a receber o salário que lhes é pago pelos seus leitores e anunciantes. Mas a recebê-lo com mérito, honestidade, ao serviço dos outros trabalhadores que, como eles, amam e defendem a Revolução."<sup>(4)</sup>

Como reacção, a redacção do jornal lança também um comunicado insurgindo-se contra o abuso de poder de "uma Comissão dos Trabalhadores": "Os jornalistas da "República" estão impedidos de exercerem a sua actividade. Uma comissão de trabalhadores exorbitando totalmente as funções para que foi eleita ("Dialogar com a direcção e a administração") está neste momento a pressionar a demissão da direcção e da chefia da redacção. Os jornalistas da "República" alertam a opinião pública para uma manobra que visa calar mais uma – e provavelmente a mais forte – das vozes livres deste país.



Raul Rego e Álvaro Guerra são os sempre em pé neste cartoon de Portela retirado do *Jornal Novo*.

<sup>(4)</sup> Artigo retirado do Jornal "República" no dia 19 de Março de 1975.

Os jornalistas da "República", que se encontram em reunião permanente na sede do jornal, mas ameaçados de expulsão do seu local de trabalho, opõem-se terminantemente ao afastamento compulsivo dos directores e da chefia da Redacção. Os jornalistas da "República" reiteram a sua solidariedade aos camaradas em risco de serem compulsivamente afastados, nomeadamente Raul Rego, incontestável figura de resistente e lutador antifascista que acaba de ser eleito à Assembleia Constituinte e a quem o 25 de Abril tanto deve (...)."<sup>(5)</sup>

Também o PS organiza uma manifestação em frente às instalações do jornal, e acusa o PCP de conivência com a acção em curso.

O PCP nega o seu envolvimento no caso mas não condena a acção dos tipógrafos que procuravam fazer valer a tese do direito de participação dos trabalhadores na definição da orientação dos jornais.

O jornal reaparece nas bancas no dia 10 de Julho, constituído maioritariamente por elementos oriundos das forças armadas e da esquerda mais radical, apresentando como director o Coronel Jorge Pereira de Carvalho.

Na sequência deste incidente, os ministros afectos ao PS, abandonam o 4.º Governo Provisório. Os ministros do PPD, dias mais tarde, solidarizam-se e abandonam também o Governo.

No dia 25 de Agosto, foi lançado um novo jornal, "A Luta", ligado ao PS, constituído essencialmente por redactores saídos do "República" no momento da crise e dirigido por Raul Rego.

A 26 de Janeiro, o Conselho da Revolução decide entregar o "República" aos "legítimos proprietários" e decide que a direcção e redacção do jornal em exercício reintegre as forças armadas. Porém o "República" nunca mais voltou a ser publicado.

Raul Rego foi eleito deputado à Assembleia Constituinte (posteriormente à Assembleia da República) nas eleições de 25 de Abril de 1975, cargo que exerceu até 1999. Já bastante doente, ainda fez questão de ir à Assembleia da República, a 20 de Fevereiro de 1997, para votar a lei do aborto. Na bancada parlamentar socialista nunca lhe tiram o lugar.

---

<sup>(5)</sup> Comunicado da redacção do jornal "República" 20 de Maio de 1975.



Na Assembleia da República

Desempenhou, também, logo após o 25 de Abril, funções governativas no I Governo Constitucional, como secretário de Estado para a Comunicação Social, cargo onde se observou uma das suas actuações mais polémicas, ao mandar suspender um directo televisivo, a fim de atenuar os efeitos de uma representação teatral que considerou provocatória para a Igreja.

Foi ainda Presidente da Assembleia Municipal de Lisboa, entre 1977 e 1979, na altura em que Aquilino Ribeiro Machado era Presidente da Câmara Municipal de Lisboa.



Quando Presidente da Assembleia Municipal de Lisboa (1977 -1979) com Aquilino Ribeiro Machado (Presidente da CML) e o Cardeal Patriarca de Lisboa D. António Ribeiro.

O jornal *A Luta* acaba por chegar ao fim devido, principalmente, ao facto de, na opinião de Raul Rego: "O público não quer um jornal que não dá notícias de tudo, quer noticiário. Um jornal partidário, que não dá notícias de tudo, não tem público suficiente (...) o jornal fracassou ao fim de uns tempos, tornou-se dispensável, passou a ser um órgão do PS". Dirigi igualmente o "Portugal Hoje", também fortemente conotado com o Partido Socialista.

Além do jornalismo Raul Rego teve outras actividades paralelas como escritor e historiador sendo muito extensa a sua obra publicada onde se contam, no campo da política os seguintes livros: *Para um diálogo com o Sr. Cardeal Patriarca*. Lisboa: 1968; *Diário político*. Lisboa: 1969; *Horizontes fechados: páginas de política*. Lisboa: 1969; *Os políticos e o poder económico*. Lisboa: 1969; *Continuidade*. Lisboa: República, 1973; *Violência inútil*. Lisboa: *Dom Quixote*, 1975; *Depoimento ou libelo*. Lisboa: República, 1975; *Militares, clérigos e paisanos ou o militarismo e outras forças de violência na sociedade portuguesa*. Lisboa: *Perspectivas & Realidades*. No campo da História e cultura: *História da República*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1986-1987, 5 vol; *Duas cartas inéditas de Alexandre Herculano* / ed. lit. Raul Rêgo. Lisboa: 1955; *Anotações de Camilo à História de Portugal nos séculos XVII e XVIII de Rebelo da Silva: inéditos de Camilo* / recolha e publicação de Raul Rêgo. Lisboa: 1959; *O processo de Damião de Goes na Inquisição* / [leitura e] pref. de Raul Rego - Lisboa: Excelsior, [1971]; *O último regimento da Inquisição portuguesa* / [leitura e] pref. de Raul Rego. Lisboa: Excelsior, 1971; *Christãos novos e christãos velhos em Portugal* / A. N. Ribeiro Sanches; pref. Raul Rego. Porto: Paisagem, 1973; *Os índices expurgatórios e a cultura portuguesa*. 1.<sup>ª</sup> ed. Lisboa: Inst. de Cultura e Língua Portuguesa, 1982; *O último regimento e o Regimento da Economia da Inquisição de Goa* / leitura e pref. Raul Rego. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1983; *A emigração como*



*força civilizadora* / Eça de Queiroz; pref. de Raul Rego. Lisboa: Perspectivas & Realidades, 1979; *Os burros* / José Agostinho de Macedo; introd. Raul Rego. Lisboa: Círculo de Leitores, imp. 1993; *Tácito português: vida, morte, ditos e feitos de El Rey Dom João IV de Portugal* / Francisco Manuel de Melo; pref. e leitura do manuscrito por Raul Rego, 1.ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1995.





Raul Rego entrou para a Maçonaria, em 1971, numa fase em que ela era uma *Ordem* perseguida e forçada a ser secreta havia quatro décadas. Dentro do Grande Oriente Lusitano, o organismo que administra a chamada Maçonaria simbólica, o *irmão* Erasmo, nome simbólico que adoptou aquando da sua iniciação, foi seu Grão-Mestre entre os anos de 1988 a 1990. No período de 1984 a 1988 tinha sido Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho do 33.º grau para Portugal, isto é o correspondente a Grão-Mestre para a chamada Maçonaria filosófica.

Assumi ao longo da sua vida um papel preponderante na defesa das liberdades democráticas. Este facto valeu-lhe o reconhecimento internacional, ao ser distinguido, em 1976, com a "Pena de Ouro da Liberdade", atribuída em Bolonha no decorrer do 29.º Congresso da FIEJ—Federação Internacional dos Editores de Jornais e Publicações.

Vítima de uma rara doença da espinal-medula, que o tornara paraplégico, abandonou a vida política activa. No entanto, mesmo de cadeira de rodas foi à Assembleia da República para exercer o direito de voto no debate sobre a despenalização do aborto.

Faleceu aos 88 anos no dia 1 de Fevereiro de 2002, deixando o seu exemplo de vida em defesa dos grandes princípios e dos grandes ideais.

Foi um jornalista e indiscutivelmente um dos símbolos da liberdade de imprensa, um republicano, um combatente antifascista e um dos rostos da Democracia e por isso a Câmara Municipal de Lisboa presta-lhe a sua homenagem ao atribuir o seu nome a uma rua na freguesia da Charneca, no Alto do Lumiar, cuja inauguração se faz no dia 3 de Maio, Dia Mundial da Liberdade de Imprensa.



## Bibliografia

Fotos cedidas por Dr.<sup>a</sup> Manuela Rego

[http://www.aind.pt/meios2002/rev\\_fevereiro/raul\\_rego.html](http://www.aind.pt/meios2002/rev_fevereiro/raul_rego.html)

[http://members.tripod.com/~gremio\\_fenix/trabalhos/raulrego.htm](http://members.tripod.com/~gremio_fenix/trabalhos/raulrego.htm)

<http://www.eusou.com/republica/default.htm>

<http://www.pcp.pt/partido/anos/testemu/octpato.html>

Castanheira, José Pedro "Entrevista a Raul Rego"  
In *Expresso*, 9 de Fevereiro de 2002;

*Raul Rego – O Combatente da Liberdade*, dir. João Mário Mascarenhas,  
CML | Biblioteca Museu República e Resistência, 2002

### FICHA TÉCNICA

#### EDIÇÃO

Câmara Municipal de Lisboa  
Comissão Municipal de Toponímia

#### TÍTULO

Raul Rego

#### TEXTOS

Teresa Sancha Pereira

#### COORDENAÇÃO

António Trindade

#### DESIGN GRÁFICO

Paula Albuquerque

#### COLABORAÇÃO GRÁFICA

Albino Teresa

#### PLANTA DE LOCALIZAÇÃO

Isilda Marcelino

#### TIRAGEM

2000 ex.

#### ANO

2005

#### DEPÓSITO LEGAL

N.º 226 105/05

#### EXECUÇÃO GRÁFICA



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA  
DMSC / DEPARTAMENTO DE SERVIÇOS GERAIS  
IMPRESA MUNICIPAL

